

Senhoras, Senhores, Pais, Mães, Amores, Excelentíssimos membros da mesa, demais professores homenageados, queridos afilhados. Boa noite!

O filme “Uma mente brilhante” retrata a história real de John Nash, um intrigante pesquisador, que surpreende os presentes à solenidade de entrega do prêmio Nobel de Economia de 94, ao reconhecer, no seu brevíssimo e emocionante discurso, que tudo o que somos devemos ao amor, remetendo-nos a Paulo, em sua carta aos Coríntios. Apresento, a seguir, a emoção de Nash, que quero partilhar com os presentes, nesta noite de celebração:

“Sempre acreditei nos números. Nas equações e na lógica que leva à razão. E após uma vida toda de buscas, pergunto: o que realmente é a lógica?” Quem decide a razão? Minha procura me levou através do físico, do metafísico, do ilusório e da volta. E fiz a descoberta mais importante da minha carreira. A descoberta mais importante da minha vida. É somente nas misteriosas equações do amor, que qualquer lógica ou razão pode ser encontrada.” E, olhando para a esposa, emocionada, na platéia, completou: ”só estou aqui esta noite, por sua causa. Você é a razão de eu existir. Você é todas as minhas razões.”

Em assim fazendo, Nash, respeitado cientista e por muitos anos vítima da esquizofrenia que o separou dos demais mortais, assumia, diante do mundo, a necessidade de se acrescentar, ao que quer que façamos, um pouco de humildade e de agradecimento a quem, de fato, contribuiu para a nossa chegada aonde queríamos! E vocês chegaram lá! Ainda não é o prêmio Nobel, embora para muitos, esse dia tenha esse significado. Vivam-no com essa dimensão, pois sem esse dia outros de igual valor não serão possíveis!

Contudo, alerto-os para o fato de que uma formatura não é um ponto de chegada, mas um importante ponto de partida para uma carreira de vivências singulares. Em nosso percurso na

universidade, contamos com a despreziosa e fundamental ajuda dos nossos pais e amores, com a amizade confidente dos colegas, que não raro se transformam nos nossos melhores amigos, sem contar com as necessárias aprendizagens decorrentes das inúmeras leituras/reflexões/experiências apreendidas. Jamais seremos os mesmos ao concluirmos um curso universitário!

Fazer Letras, não é seguir um curso universitário qualquer!! Ser um profissional das Letras encerra atividades que podem ser corriqueiras ou nobres, a depender da importância que daremos a elas, já que ensinar a quem já fala e já escreve é um grande desafio, como o é a tradução, pois como sabemos “traduzir, por vezes, é trair!!” e, se nos fazer entender em nossa língua primeira já é um problema, imagina na língua dos outros!!

Abandono um pouco essa reflexão, para retomar Nash e o motivo do tão almejado prêmio. Ele havia refutado, em sua tese doutoral, 150 anos de um paradigma criado com o nome de *teoria dos jogos*, no qual John von Neumann analisa a forma como agentes econômicos ou sociais definem sua atuação no mercado, considerando as possíveis ações e estratégias dos demais agentes, para buscarem o lucro da empresa, o que cria uma competitividade perigosa.

A análise combinada das estratégias de mercado a serem escolhidas levará, segundo Nash, a um resultado do qual nenhum dos agentes individualmente experimentará prejuízo, em vista da estratégia de mercado de outros agentes, o que ficou conhecido como “Teoria do equilíbrio”, garantindo o êxito da atividade econômica e a salutar manutenção do mercado, o que amplia nossa necessidade de somar esforços pelo bem comum. E porque pensamos no bem comum, escolhemos ser professor. E sê-lo não é nada fácil!

Lembremos o papel que representamos na sociedade, pois ensinar, nos eleva à difícil condição de ser vitrine, já que estamos sempre na mira, já que somos, queiramos ou não, exemplos. Ou

podemos ser ainda andaimes, pois servimos para amparar/equilibrar os sujeitos que constroem e, após a construção, somos retirados de cena, pois contrastamos com a beleza da obra pronta. Quantas vezes passamos por isso no exercício da nossa profissão? Assim, convido-os a refletirem acerca da escolha que fizeram quando optaram em fazer Letras, pois se de um lado somos os responsáveis pelos constantes erros ortográficos dos alunos, de outro somos indispensáveis na grade curricular de qualquer nível ou curso.

Neste momento, peço-lhes licença, para apresentar-lhes um pouco da minha experiência docente, que certamente contribuiu para eu estar aqui, agora, assumindo esse papel.

Quando escolhi ser professora, estava ciente dos percalços, mas acima de tudo das alegrias da profissão, pois como diz Caetano Veloso, “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”... E hoje, não falo das dores, mas do carinho, do respeito, da amizade dos meus alunos, que me ajudam a caminhar, mesmo quando me encontro desacreditada da minha missão.

No ano de 97, dois anos após ingressar como professora da UEFS, recebi o seguinte e-mail, que lerei na íntegra, sem qualquer intromissão magistral, como fazemos os professores de redação:

“Querida professora, é bem provável que a Senhora lembre-se de mim, não que eu seja algum aluno em especial, mas percebo que a sua vocação como educadora a faz prestar mais atenção em seus alunos do que a média. É importante dizer que estou escrevendo só para dizer que me lembro constantemente da professora e a tenho como uma referência importante como poucas, e isto parece a mim mesmo algo diferente pelo fato de eu estudar Economia e não Letras.... Gostaria intensamente agora de possuir o Dom da palavra, gostaria de não cometer gafes gramaticais e de estética para não a envergonhar, gostaria de fazer entender o quanto aprendi mesmo sem ter aprendido tanto.... aprendi a ser menos, aprendi a ser mais.... aprendi a continuar ouvindo e a crer na vida. Talvez até já soubesse boa parte destas coisas... no entanto, é

imoral negar quando aparece em nossas vidas, ainda que de passagens, espíritos obstinados tais quais os teus...”. Obrigada por ser essa professora apaixonada... Um grande beijo de um Aluno que a admira muito, como professora, como pessoa e por que não, como mulher!”

Aquele e-mail calou fundo e decidi que não dava para continuar tentando anular a sertaneja, a filha, a mãe, a mulher, em prol da profissional, pois somos um todo que alia razão e emoção e somente reconhecendo isso poderemos formar e informar pessoas, qualitativamente. Assim, depois daquela mensagem, passei a rever os meus conceitos acerca da relação professor-aluno, o que em muito mudou o meu viver.

Desde então, passei a idealizar meus alunos, desejando que estes sejam tão desafiadores quanto competentes, tão brilhantes quanto humanos, pois enquanto professora sou, inevitavelmente, instrumento de busca pelo conhecimento e, em algum momento, exemplo, pois nós professores fomos talhados para fomentar o desejo de aprender, mas também devemos estar cientes de que temos muito para aprender com cada um daqueles que passam a fazer parte da nossa vida e a complementarem a nossa experiência de seres no mundo, pois jamais devemos perder de vista quem somos, nem de onde viemos, pois antes de sermos profissionais, somos gente que pensa, sente, sofre, ama, falha, erra, acerta; Vez que somos criança e somos adultos, somos professores, mas também homens e mulheres. Ensinar e aprender são ações de mão dupla que nos levam a ser outro, constantemente.

E, como madrinha dessa turma de novos professores, valho-me de lições aprendidas nos inúmeros textos que li, mas principalmente nas experiências que vivi nestes mais de 25 anos de profissão, para oferecer-lhes esta prece/reflexão:

“Aceitem seus alunos não pela pele, mas pela pupila, que deve ter brilho questionador e tonalidade inquietante; que vocês aceitem seus alunos pela cara lavada e pela alma exposta.

Desejo que vocês não queiram só o ombro ou o colo, mas que queiram também suas maiores alegrias, pois nossos alunos são todos assim: metade bobeira, metade seriedade. Desejo que vocês não queiram risos previsíveis, nem choros piedosos. Queiram também alunos sérios, daqueles que fazem da realidade sua fonte de aprendizagem, mas ainda respeitando tal seriedade, levem-nos a lutarem para que a fantasia jamais desapareça.

Não queiram alunos apenas adultos, nem chatos. Desejem-nos metade infância e metade velhice. Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no rosto, e velhos, para que nunca tenham pressa, pois temos alunos para sabermos quem somos, pois conhecendo-os loucos e santos, bobos e sérios, crianças e velhos, nunca nos esqueceremos de que a normalidade é uma ilusão imbecil e estéril, pois “o valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem”, como prega Pessoa, pois enquanto professores, temos a sublime missão de criar, nos nossos alunos, a sempre crescente sede de Conhecimento.

Que sejamos sérios e exigentes, mas amáveis o suficiente para garantirmos aos nossos novos alunos a capacidade inefável de ser profissional, mas acima de tudo de serem humanos, é justamente por isso que escolhemos ser professor, já que somos seres inacabados e em constante construção, como devem ser os bons mestres e os seus excelentes aprendizes, pois como sabiamente prega Cora Coralina "Feliz aquele que transforma o que sabe e aprende o que ensina”.

Conhecendo os formandos desta noite, posso afirmar que estamos diante de pessoas que têm sabido aliar muito do que foi

apresentado até então, às suas práticas, pois ao escolherem a diversidade cultural como nome da turma, reconhecem o valor das similitudes e diferenças dos seus companheiros, de curso, de turma, de vida, numa celebração de festa constante, mesmo quando discutem à exaustão como devem ser as coisas, formando grupos de amigos, partilhando sonhos e esperanças, auxiliando-se mutuamente, não importando se em dupla, se em pequenos grupos, como soe acontecer, já que “afinidade não é o mais brilhante, mas é o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos”.

Muitos dos companheiros dessa turma de formandos ficaram pelo caminho acadêmico, mas a vida que pulsa no quotidiano não impediu que puxões de orelha, que abraços fraternos fossem dados e que os sonhos não morressem, pois “não importa o espaço/tempo, a ausência, os adiamentos, as distâncias, as impossibilidades. Qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, o afeto, no exato ponto onde foi interrompido”. (Artur da Távola).

Por isso essa é uma turma especial. Uma turma de Alicias e Nashs, prontos para brigarem, para garantirem seus espaços, seja nos países irmãos, seja no país do Tio Sam, seja no Brasil, na Bahia, seja aqui mesmo em Feira de Santana, onde tentarão dar tudo de si para mudarem caminhos, ampliarem horizontes, como os seus começam a ser delineados, a partir desta noite.

Esta é a maior responsabilidade de nossa vida e a prova evidente de que duas almas não se encontram por acaso, assim eu encontro o meu aluno, que por sua vez me encontra, simplesmente porque cada pessoa que passa em nossa vida é única, pois representam as páginas, as folhas do nosso memorial, da escrita dos nossos dias... Vocês, ao escolherem dentre tantas profissões mais rentáveis e melhor aceitas como status social, a nobre tarefa de aprender/ensinar, muito bem sabem das dificuldades, do desrespeito, das injustiças, até mesmo dos horrores que há nessa profissão.

Mas ainda há esperança, como nos ensina Gabriel Perissé, em sua prece, pois haverá sempre aquele professor que não deixa de professar as injustiças, de querer melhorar a qualidade da educação, pois ele continua a amar o que faz e, continuar amando é não perder a fé, palavra pequena que não se apaga como um traço de giz no quadro. Ter fé impede que as alienações antigas e novas substituam a lúcida esperança em dias melhores, já que ensinar é uma forma de oração. Não uma oração “chacoalhar” de palavras sem sentido. Mera oração subordinada... Os professores apaixonados pelo que fazem, querem tudo: multiplicar o tempo, somar esforços, dividir problemas para solucioná-los, embora não haja solução para os professores que se renderam à paixão, visto que ela é inexplicável. E o pior!! é também indisfarçável.

Por isso não disfarço que estou sempre e irremediavelmente apaixonada pela escolha que fiz, como não consigo disfarçar o contentamento de ter sido escolhida por vocês, antes enquanto alunos e agora como madrinha de tão especial turma, como também não disfarço o agradecimento a Deus e a cada aluno, parente (parêntese para minha mãe e filhas), colegas de profissão e a todos, sem exceção, a todos os professores que me escolherem, confiaram e apostaram em mim. Por isso, desejo a cada um de vocês, folhas da minha árvore, Paz... Saúde... Sucesso... e, acima de tudo, Amor..., pois sem ele, nada seríamos!!. A vocês, escolhidos pelo amor para estarem aqui hoje, o meu MUITO OBRIGADA!!!!